

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Campus de Bauru

LEONARDO ANANIAS DEL SANT

**NOROESTE NOS TRILHOS:  
AS MARCAS DA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL NO  
ESPORTE CLUBE NOROESTE**

Bauru - SP

2017

Leonardo Ananias Del Sant

**NOROESTE NOS TRILHOS:  
AS MARCAS DA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL NO  
ESPORTE CLUBE NOROESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do certificado de graduação em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Américo

Bauru - SP

2017

LEONARDO ANANIAS DEL SANT

**NOROESTE NOS TRILHOS:  
AS MARCAS DA ESTRADA DE FERRO NOROESTE DO BRASIL NO  
ESPORTE CLUBE NOROESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do certificado de graduação em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcos Américo (orientador e presidente da banca)  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

Prof. Dr. José Carlos Marques  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

## AGRADECIMENTOS

Difícil o ato de agradecer. Mas vamos lá:

À minha mãe, Edineia Ananias, e ao meu avô, Anísio Ananias, pelo apoio e força sempre que possível.

Ao meu pai, Wagner e aos meus tios, avós e familiares que foram fundamentais no meu crescimento e formação.

Sem eles não teria sequer chegado até aqui.

Aos meus amigos de escola e da rua da minha casa. Conversas nos fundos das salas de aula e após as longas partidas de futebol de rua trouxeram ótimos sorrisos e reflexões de infância e juventude.

Aos professores da minha vida, pela insistência em me passar conhecimento (eu sou um aluno chato e falastrão, sei disso).

Agradeço em especial minha banca, formada pelos professores Tuca Américo, cuja orientação foi fundamental no longo processo que foi construir este documentário. Além de Zeca Marques e Maximiliano Vicente, pelas boas aulas e ensinamentos passados.

Aos bons tempos de “Observatório do esporte”, na também digna de agradecimento rádio Unesp 105,7, onde destaco Fábio Fleury e Sylvestre Oliveira.

A todos que me ajudaram na realização deste documentário, seja com apoio técnico, teórico ou fraternal.

Aos meus amigos de faculdade que espero manter para toda a vida. A Fenda do Bikini nunca morrerá enquanto houver saudade.

À minha namorada, Helena, por todo o sentimento, compreensão e companheirismo.

Aos entrevistados que participaram do documentário: Fausto Gamba, Luciano Dias Pires, Luiz Marini, Plínio Scriptore, Walter Lisboa, Paulo Sérgio Simonetti, Douglas Ruzon, Roberval Duarte, Fernando BH e Toninho Gimenes. Também fica o agradecimento aos que, por diversos motivos não puderam participar em vídeo da produção: Zé Carlos e Cláudio Amantini.

A Bauru.

## RESUMO

O documentário aborda a relação do Esporte Clube Noroeste com a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e tem como objetivo mostrar a história e os legados que essa ligação deixaram para a cidade de Bauru. Trará em seu conteúdo o surgimento, crescimento e o ponto de ruptura desta união. A pesquisa realizada para a criação, trará, como norte, obras anteriores que relatam estas passagens e histórias pessoais sobre o tema. Jornais e documentos comprobatórios dos eventos serão relatados ao longo dos trinta e três minutos apresentados. O produto busca, como conclusão, um recorte mais preciso desta parceria e sua importância para os bauruenses como um todo.

**Palavras-chave:** Documentário; Ferrovias; Esporte Clube Noroeste; Bauru; Futebol.

## **ABSTRACT**

The documentary discusses the relation between the Esporte Clube Noroeste and the Noroeste do Brasil Railroad and aims to show the history and legacies that this connection left for the city of Bauru. It will bring in its content the emergence, growth and breaking point of this union. The research done for creation will bring, as a goal, previous works that relate these passages and personal stories on the subject. Newspapers and supporting documents of the events will be reported throughout the thirty-three minutes presented. The product seeks, as a conclusion, a more precise cut of this partnership and its importance for the citizens of Bauru as a whole.

**Keywords:** Documentary; Railways; Esporte Clube Noroeste; Bauru; Soccer.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 OBJETIVOS</b>	<b>11</b>
2.1 Objetivos gerais	11
2.2 Objetivos específicos	11
<b>3 JUSTIFICATIVA</b>	<b>12</b>
3.1 Público-alvo	13
3.2 Alcance e equipamentos	13
<b>4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO</b>	<b>14</b>
4.1 Gênero e formato	15
4.2 Pré-produção	17
4.2.1 Pesquisa teórica	18
4.2.2 Pesquisa técnica	19
4.2.3 Fundamentos escolhidos	20
4.2.3.1 Iluminação	20
4.2.3.2 Som	21
4.2.3.3 Plano e enquadramento	21
4.2.4 Pré-entrevistas	22
4.2.5 Roteiro	24
4.3 Produção (entrevistas)	25
4.4 Pós-produção	33
4.5 Cronograma	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Fundada em 1896, Bauru tem recentes 120 anos atualmente. O município em dez anos de emancipação recebeu a notícia de que a estrada de ferro Noroeste do Brasil passaria por ali. Fato que mudaria a história da cidade. Obras a todo vapor e trilhos ganhando forma. A empreitada se deu início no começo do século XX, como comenta Ghirardello (2002, p.38) “As obras iniciam-se na pequena cidade de Bauru, então com seiscentos habitantes, em novembro de 1905”. A motivação da criação da Estrada de Ferro vem com o fim da guerra do Paraguai, terminada em 1870. O plano era desenvolver o país, incentivando a indústria cafeeira, o que aumentaria a pujança econômica do Brasil. Além disso havia a necessidade de integrar a província de Mato Grosso, como descrito por Ghirardello (2002)

Verifica-se, ainda, claramente, que a Guerra do Paraguai foi crucial no incentivo à elaboração de Planos de Viação, especialmente aqueles de sentido estratégico. O conflito que durou entre 1864 e 1870 impediu a navegação brasileira no Rio Paraguai, isolando a província de Mato Grosso da área oriental do país, através de sua principal via de comunicação. O longo percurso enfrentado por Taunay (1967), as dificuldades em se levar o “trem” de guerra, bem como todos os sacrifícios da expedição por via terrestre calaram forte na opinião pública da época. A partir de então, a necessidade de ligação da Corte com províncias a Oeste passou a ser motivo de acaloradas discussões entre os meios políticos e militares do país. (GHIRARDELLO, 2002, p. 20-21).

O rápido crescimento da cidade fez com que novas necessidades surgissem. Nesse contexto, trabalhadores da estrada de ferro fundaram o Sport Club Noroeste. O clube surge no dia primeiro de setembro de 1910, às margens da ferrovia e com amparo da estrada de ferro Noroeste do Brasil. O surgimento de clubes com ligação ferroviária, principalmente no interior do estado de São Paulo era comum.

O clube nasceu como tantos outros por esse país, sob a proteção e apoio da Estrada de Ferro. No nosso caso, a Noroeste do Brasil, mais propriamente com forte participação de um grupo de funcionários da Estrada de Ferro. Quem esteve à frente da iniciativa foi o desportista de Bauru Domingos Bertone, mais Luiz e Antônio Savi e outros

elementos da Rede Ferroviária. Seus primeiros dirigentes e fundadores foram, entre outros: José de Oliveira, João Ribeiro, Norberto Brites, Manoel de Almeida Brandão, Joaquim Bueno de Siqueira, Francisco Martins Jr., Jorge Pimentel, João Maringoni, Manoel Jacinto Macedo, Domingos Lamônica, José Regis e Francisco Regis. (SIMONETTI, 2014, p. 16).

Décadas se passaram e a cidade não parava de crescer. O amadorismo tomava conta do cenário bauruense de futebol, mas surgiram vários clubes nesse tempo. De acordo com Paulo Sérgio Simonetti, em seu livro *“Noroeste: 104 anos de um teimoso”* o Noroeste disputava competições amadoras em Bauru e região. No aniversário de 25 anos do clube, no dia primeiro de agosto de 1935, foi inaugurado seu estádio, chamado de Alfredo de Castilho, nas proximidades do Hospital de Base. Foi campeão do interior do estado em 1943 e se profissionalizou em 1948, onde disputou pela primeira vez o Campeonato Paulista da segunda divisão.

No primeiro acesso, em 1953, à primeira divisão do estado, o Noroeste contou com a ajuda da Estrada de Ferro e com a ajuda do General Marinho Lutz, diretor da companhia, o estádio aumentou sua capacidade para receber os jogos. “Homens e máquinas da ferrovia trabalhavam em rodízio, 24 horas por dia e conseguiram concluir as reformas dentro do prazo viabilizando assim a participação do Noroeste pela primeira vez na primeira divisão” (SIMONETTI, 2014, p.36).

De 1953 até os dias atuais tem muito mais para se contar. O incêndio do Alfredo de Castilho; Campanhas do Noroeste desde então; surgimento do ainda menino Pelé pelos campos de Bauru; Inauguração do estádio Ubaldo Medeiros, que, anos depois teria o nome de seu antecessor novamente; As excursões até as cidades de Cochabamba e de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia; Disputas internas entre chapas de pessoas da cidade e pessoas ligadas à ferrovia; Campanha histórica na primeira divisão nacional; anos de sobe-desce de divisões, onde tornou-se “time ioiô”; era Damião; e, atualmente a terceira divisão paulista e a tentativa de se reerguer no estado.

Com o passar do tempo, também houve uma clara deterioração das estruturas das ferrovias do Brasil, priorizando a malha rodoviária do país. Aspecto visível através do tempo em Bauru. A precarização da malha ferroviária passa pela

falta de manutenção, descaso com as empresas férreas e concessões mal feitas e mal fiscalizadas, que terminaram por esgotar um meio de transporte que poderia ajudar quanto ao escoamento de cargas e transporte de pessoas pelo país.

Em Bauru, com o fim do trem de passageiros, a estação foi, aos poucos sendo deixada de lado pelo poder público e, conseqüentemente, sofrendo com depredações. Atualmente a estação ferroviária de Bauru abriga algumas instituições da cidade, em um processo que visa ocupar um importante espaço público do município.

O foco do documentário é contar histórias do Esporte Clube Noroeste que se relacionam com os laços que o clube tem com a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Portanto, o âmbito esportivo foi o escolhido para a sequência apresentada. O jornalismo esportivo, era um gênero desacreditado no meio jornalístico do início do século. Conta Paulo Vinícius Coelho (2003 p.9), em seu livro “jornalismo esportivo”, “Havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte”.

Das poucas páginas do início do século nos jornais da elite, passando por jornais populares como o “*fanfulla*”, de origem italiana e popular da cidade de São Paulo, até chegar ao “*Jornal dos Sports*”, nascido em 1931, no Rio de Janeiro, o primeiro inteiramente dedicado aos esportes no país, segundo Paulo Vinícius Coelho (2003, p.9).

Os vários surgimentos e desaparecimentos de publicações sobre esporte no início do século faz com que a apuração seja, por vezes imprecisa, ou que se faça necessário buscar fontes alternativas. Conta Coelho:

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol - como os demais esportes - dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2003, p.9).

O documentário buscará trazer as nuances da relação formada pelas duas instituições, unindo a paixão da cidade pelo futebol e a importância que era ter o maior entroncamento ferroviário do Brasil passando por Bauru. Tudo isso, costurando as histórias em momentos marcantes desta estreita relação entre o clube e a companhia.

Mostrar aos bauruenses as influências da união entre as duas instituições no crescimento da cidade com imagens históricas e atuais dos locais onde os fatos ocorreram é significativo para que a cidade possa refletir sobre a situação atual de Bauru e seus patrimônios, além de deixar um documento audiovisual que poderá ser consultado por longos anos, ao alcance de todos.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivos gerais**

Realizar um documentário que mostre a história do Esporte Clube Noroeste e suas relações com a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, trazendo os legados deixados para a cidade de Bauru e sua população.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Apresentar documentos oficiais que relatam histórias curiosas e marcantes, buscando-as em livros, jornais e revistas da época;
- Entrevistar pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente nesse processo, evidenciando o necessário e preciso, sem perder o preciosismo histórico necessário nesta empreitada;
- Aplicar conceitos aprendidos no decorrer da graduação em Jornalismo da Universidade Estadual Paulista;
- Desenvolver técnicas de um documentário observativo e suas aplicações no campo do jornalismo;
- Mostrar como está a situação de ambas instituições atualmente e o declínio de ambas, no decorrer do tempo;
- Como conclusão, apresentar os frutos deixados na cidade, suas ressignificações e o legado deixado para a cidade sem limites.

### 3 JUSTIFICATIVA

A relevância do projeto se dá na exposição aos bauruenses de um produto que contemple uma parte fundamental na composição da história de Bauru. Realizar um documento com tamanha força me gratifica, pois deixa algo à cidade que me abrigou com carinho nesses últimos quatro anos.

Contar, por meio de entrevistas e imagens o recorte que será feito no documentário, contrastará com a situação atual do trecho da ferrovia que passa por Bauru e também a situação que se encontra o único time de futebol profissional da cidade, o Noroeste. No Brasil houve um sucateamento da malha ferroviária, que poderia ser uma via de escape em termos de transporte, que seria bastante útil ao país, principalmente se considerarmos a extensão continental que temos.

Une-se também ao fato de que o futebol no interior do estado de São Paulo perdeu forças nos últimos anos, mas não o carinho e o amor dado pelos torcedores destas agremiações.

Realizar um documento que conta a história de um dos clubes mais emblemáticos do interior paulista é também ampliar a visão que se tem do futebol no estado, fugindo dos grandes da cidade de São Paulo e entregando à única universidade pública de jornalismo fora da capital, um produto que traz panoramas sobre como respiram os ares interioranos no esporte e em suas construções.

Trazer reflexões sobre o modo de pensar uma cidade e também seus planejamentos em torno do lazer e esporte local, são deveres que o jornalismo nem sempre contempla. Muitas das vezes, quando matérias sobre esporte e urbanismo saem nos jornais, elas tratam apenas sobre o momento e não sobre o histórico ocorrido ou a necessidade social de se aprimorar tais pensamentos.

A maneira que a cidade absorve suas estruturas e elas são pensadas diz muito do projeto de cidade que pensamos para as próximas gerações, além de contextualizar as gerações anteriores, suas necessidades, prioridades e seus desenvolvimentos.

A responsabilidade jornalística de um documentário me permite utilizar muitas técnicas aprendidas ao longo do curso de graduação, compondo de maneira ampla

as necessidades atuais que formam um jornalista. Da pesquisa de fontes até as edições finais, o exercício de transmitir as reflexões e análises acima será colocado a prova.

### **3.1 Público-alvo**

O documentário tem a intenção de alcançar bauruenses de uma maneira geral, considerando que o tem abrange toda a cidade e seu desenvolvimento, mas, sem perder o amante do futebol, principalmente o futebol interiorano, muitas vezes escanteado pela mídia e até pelos moradores do interior. Portanto, bauruenses e amantes do esporte bretão compõem o público-alvo.

O desafio do produto é justamente atrair o interesse desses dois públicos que são relativamente distintos, sem privilegiar um ou outro, contando a melhor história possível dentro deste cenário.

### **3.2 Alcance e equipamentos**

Parte crucial do projeto descrito aqui é poder levar ele à um público maior que apenas a banca de conclusão de curso em jornalismo. Por isso, tentar expor no teatro municipal e na estação ferroviária, por exemplo, são também objetivos do documentário. Disponibilizar em locais como bibliotecas, arquivos dos museus ferroviário e histórico, TV Unesp e outras emissoras de televisão, não esquecendo de deixar uma cópia para cada entrevistado são intenções deste trabalho.

Aliado às mídias físicas que ficarão pela cidade, a exposição na internet é fundamental para alcançar pessoas de maneira fácil e barata. Para isso, o produto será disponibilizado no YouTube, além de ser compartilhado este link com outras plataformas, como o Facebook, em grupos específicos, para que alcance um maior número de pessoas.

Ao todo foram comprados uma câmera Canon T5i; um HD Seagate com 1TB de memória; um cartão de memória SanDisk classe 10, com 32GB de memória e uma case para a câmera. De equipamentos que foram emprestados, constam um gravador Sony com 2GB de memória; um tripé e um microfone lapela.

## 4 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

O projeto inicia-se com uma pesquisa fundamentada em seu tema e objeto, buscando, com base em documentos oficiais, livros, jornais e entrevistas, filtrar as histórias que serão contadas no documentário, organizando previamente em pequenas passagens que considerar importante e crucial para o enredo. A prioridade dos entrevistados serão as pessoas que vivenciaram o fato, posteriormente, historiadores e jornalistas complementarão as falas, já que, provavelmente, nem todas as histórias poderão vir a ser contadas por agentes da mesma. A etapa de pré-entrevistas trará um certo conforto ao perceber quais fontes são melhores para compor o documentário, como diz Puccini (2009)

Pré-entrevistas marcam o primeiro contato entre documentarista, ou sua equipe de pesquisadores, e os possíveis participantes do documentário. São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera (no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado. (PUCCINI, 2009, p 181-182).

No mesmo período da pesquisa, será feito um roteiro que buscará encaixar e montar as cenas dentro do tempo proposto, caracterizando-as em locais, falas, pessoas e imagens que entrarão para complementar a história. Buscarei também adaptar abordagens, estruturas e estilo, de acordo com o material escolhido para a realização das entrevistas e filmagens em geral.

Como segundo momento, entrarei no processo de gravação das entrevistas e imagens que comporão o documentário. Tentarei estreitar a relação dos depoimentos com seus locais onde ocorreram os fatos, buscando filmar os entrevistados em lugares que tenham conexão com a história contada. O processo de gravação será feito, dentro do possível, sob a luz do dia, tanto em locais fechados, quanto em locais abertos. Além de aplicar os conceitos de técnica de entrevista jornalística aprendidos na graduação em jornalismo.

Como terceiro e último momento, o processo de decupagem e edição do produto, onde os trechos selecionados das entrevistas, terão acréscimo do material de arquivo coletado, inclusão de trilha sonora, tratamento de imagens, se necessário, e inclusão de créditos, referências e informações que elucidarão o espectador, tornando a experiência final de assistir o documentário ainda mais proveitosa e construtiva.

#### **4.1 Gênero e formato**

O projeto produziu um documentário de curta-metragem de aproximadamente trinta e três minutos de duração, disponibilizando-o na plataforma YouTube e outros serviços que hospedem vídeos. O modo utilizado, seguindo as diferenciações colocadas por Bill Nichols, será o Observativo, onde o “engajamento direto no cotidiano das pessoas representam o tema do cineasta” (NICHOLS, 2009, p.62). Não haverá participação direta do entrevistador, mas sim, apenas os relatos como forem contados.

Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso. (PUCCINI, 2009, p. 177) .

Dentre as temáticas apresentadas, o documentário trará como enredo principal as histórias da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e o Esporte Clube Noroeste no período em que tais histórias eram entrelaçadas. Essa contextualização se dará de maneira linear, contando histórias de acordo com a ordem temporal dos fatos, mas, fazendo uma breve introdução no começo do documentário.

Separar público de cineasta, como relata Nichols, fará parte do processo de documentação dos fatos. Comum em documentários observativos, a intenção de tal abordagem é distanciar-se do todo, buscando uma abordagem mais clara e concisa

dos fatos, dando uma “importância cívica” ao trabalho, informando o conteúdo de uma maneira mais purista. Nichols comenta sobre a separação proposta.

Como “eles”, “você” sugere uma separação. Uma pessoa fala e a outra escuta. O cineasta fala e o público vê. O documentário, assim, pertence a um discurso ou estrutura institucional. Pessoas com um conhecimento especializado, os documentaristas, dirigem-se a nós como membros de um público geral ou como algum elemento específico dele. Como público, estamos tipicamente separados tanto do ato de representação como do tema representado. Ocupamos um tempo e um espaço social diferente de ambos; como espectadores e parte do público, temos papel e identidade próprios, que são em si mesmos aspectos distintos de nossa própria persona social: assistimos ao filme como espectadores, parte do público, embora parte de nosso motivo para agir assim possa estar no fato de que o filme fala de pessoas e assuntos cuja experiência real se iguala à nossa ou contrasta com ela. (NICHOLS, 2009, p. 42-43)

O gênero documentário foi o escolhido por trazer imagens de como estão as estruturas físicas da cidade atualmente, além de mostrar imagens históricas do passado. O elemento visual é fundamental para que o espectador sinta a mensagem que será passada nos minutos de exibição, e como tais patrimônios contribuíram para a formação de Bauru, contrastando com a situação atual dos mesmos.

Ademais, a imagem como um todo é um “artefato cultural” à quem não a vivenciou de fato, podendo aproximar histórias ao seu público, a uma outra época, ou não, e sob uma realidade que alcança um número maior de pessoas quando é transmitida.

Devemos considerar que a imagem não representa a realidade plasmada em uma superfície amorfa, mas que é constituída e produzida pela realidade social, que é mediadora entre o sujeito que a produz e aquele a quem se destina, logo, neste texto a imagem é considerada como um artefato cultural. Como artefato cultural, ainda que não seja o real, apresenta, representa ou reapresenta o mundo, tornando presente aquilo ou alguém que está ausente. A imagem, especialmente a fotografia, tem o poder de trazer de volta o ausente, o distante, de materializar aos olhos o que não está materialmente ao alcance das mãos. (WELLER; BASSALO, 2011, p.286).

Assim, a pesquisa de documentos e fotografias é fundamental para a realização de um documentário, principalmente pelo retrato social que as imagens trazem. Construir um olhar, analisando os recursos imagéticos e saber lidar com elas, ressignificando-as é um desafio que será colocado em cena, nesse caso, do ponto esportivo, urbano, social e histórico.

Analisar imagens é desafiar séculos de práticas de investigação da sociedade, as quais tentaram quantificá-la ou compreendê-la através dos sujeitos de um determinado contexto. É tomar para si uma tarefa que exige aprofundamento de referenciais teóricos de diferentes áreas. É estar aberto a assumir o risco de envolver-se com fontes tradicionalmente desconsideradas ou desvalorizadas pela pesquisa social. A análise de imagens a partir do método documentário pretende ser uma alternativa para pesquisadores da área social em direção à construção de um olhar revelador de visões de mundo. (WELLER; BASSALO, 2011, p.310).

A importância do mesmo se faz nos recortes que serão apresentados ao decorrer de seus minutos, revelando uma visão de mundo e um espectro social que mostra um pouco da trajetória de Bauru até os tempos de hoje, passando pelos fios das histórias da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e do Esporte Clube Noroeste. Sheila Curran Bernard pontua que “os documentários conduzem seus espectadores a novos mundos e experiências por meio da apresentação factual sobre pessoas, lugares e acontecimentos reais, geralmente retratados por meio do uso de imagens e artefatos”. “Independente de entreter, informar ou ambos, os documentários importam” (BERNARD, 2008. p.2 e 4).

## **4.2 Pré-produção**

Esta parte da produção foi um período de levantamento das necessidades práticas e teóricas que necessitaria na produção em si. Realizei dentro desta etapa a pesquisa teórica, pesquisa técnica, que incluiu medir a necessidade de alguns equipamentos, compra ou empréstimo de outros, além da realização de algumas pré-entrevistas e um roteiro simples para ter uma noção de sequência de cenas e

também tempo dedicado para cada uma. Tal divisão e descrição deste processo estão mais detalhados abaixo.

#### 4.2.1 Pesquisa teórica

Para realizar a pesquisa teórica, fui ao museu ferroviário, na rua Primeiro de Agosto, ao lado da estação, duas vezes. Lá conversei com Cynthia Bombini, que cuida da parte do acervo do local. Na segunda vez que fui ao museu, olhei em alguns documentos que tem relação com o E. C. Noroeste. Até por ser um museu dedicado à ferrovia, não existem muitos documentos relacionados ao clube.

Como produtor, você deve, evidentemente, ter conhecimentos sobre o tema em que você estará baseando o seu programa. Isto não quer dizer que você precisa saber tanto ou mais que o especialista. Mas necessita saber o suficiente para ser capaz de decidir o que colocar e o que não colocar no programa (WATTS, 1990, p.27).

Pouco antes do Natal fui também ao museu histórico, que se encontra no final da rua Rio Branco. Lá conversei com Sérgio Losnak, que me mostrou as instalações e me indicou um historiador local fanático por estatísticas, Fausto Gamba Gonçalves, autor do livro “Excelência pioneira do futebol bauruense”, que relata o surgimento do futebol na cidade e seu desenvolvimento até o ano de 1947. O autor vem, há alguns anos, escrevendo a continuação deste livro, que iria de 1947 até o ano 2000, e, por isso, vai ao museu histórico sempre que pode. Cheio de números e escalções dos certames da época, o livro conta também com algumas pequenas notas, que contam passagens sobre o futebol e suas relações com o cotidiano da cidade.

Para conhecer melhor a história do E. C. Noroeste e da E. F. Noroeste do Brasil li os livros “Noroeste: 104 anos de um teimoso” do Paulo Sérgio Simonetti, que traz a história do clube e os relatos pessoais do autor. “As curvas do trem e os meandros do poder”, de Paulo Roberto Cimó Queiroz, trechos de “Nos trilhos da memória: Ferro e Sangue”, do historiador Célio José Losnak. O livro relata histórias de ex-ferroviários e um pouco de sua vida no trabalho, relações profissionais e o

funcionamento e as respostas internas de uma instituição tão forte na cidade. Li também o livro “Jornalismo esportivo, do Paulo Vinícius Coelho, que elucida bem caminhos e desafios da editoria. Além do TCC do ano de 1998 “Nos trilhos do futebol: a história do Esporte Clube Noroeste” de autoria conjunta de Carlos Gustavo Tofoli Francisco e Ronaldo José Schiavone.

Na pesquisa técnica li o artigo “Introdução ao roteiro de documentário”, de Sérgio Puccini, que traz, de maneira objetiva os passos que se deve seguir no processo de pré-produção da obra, passando pela pesquisa, pré-entrevistas, busca de material de arquivo, argumento e condições de imagem e som. Na visão de Puccini “Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre a concepção da ideia e a edição final do filme”. Li também o livro do Bill Nichols “Introdução ao documentário” e “Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto” da Scheila Curran Bernard.

#### 4.2.2 Pesquisa técnica

Dentro deste campo pesquisei com quais materiais seria melhor para execução do produto sem grandes custos ou dificuldades. Tinha em mente a vontade de adquirir uma câmera DSLR para o documentário e usos posteriores. Isso aliado a vontade de não depender quase que integralmente de equipamentos emprestados por terceiros.

Enquanto realizava o processo de pesquisa teórica, procurava pelo melhor preço em câmeras e também suas especificações. Acabei optando por comprar uma Canon T5i, pois, considerei a melhor opção dentro do meu orçamento, além de conter boas referências e também qualidade suficiente para realizar o documentário. O único problema é que a demora na compra acarretou em um pequeno atraso no início das gravações, que estavam previstas para o meio de dezembro, o que não ocorreu.

Para a captação de vídeo, optei por manter a minha câmera como principal e uma segunda, uma Nikon d3200, que nem sempre foi utilizada. Além de utilizar um tripé comum que fica na câmera principal, no caso das entrevistas.

Para a captação de áudio, utilizei um gravador Sony ICD-PX312 e uma lapela simples, ambos emprestados de outras pessoas. A lapela melhora a qualidade de som, deixando-o mais limpo e audível. A dificuldade existente é a necessidade de sincronizar áudio e vídeo manualmente no Premiere, o que faz com que parte do tempo seja perdido nesta etapa.

Outra dificuldade já esperada se deve ao fato de eu não ter um computador ou laptop que suporte um programa de edição como o Premiere. Por sorte neste ano os laboratórios da FAAC ganharam mais dez computadores com pacote Adobe, todos na sala 1, o que deixa a disputa pelos antigos três computadores da sala 4 mais flexível, ainda que os horários disponíveis para uso desta sala sejam limitados. O problema são as versões dos programas, que são diferentes em cada sala. Na sala 4, o Premiere é o CC 6, enquanto o da sala 1 é o CC 2017. Os arquivos editados na sala 4 podem ser adaptados e editados na sala 1, mas, após tal adaptação, não podem mais ser editados na sala 4, já que sua versão é mais antiga.

#### 4.2.3 Fundamentos escolhidos

Diante da trajetória de se fazer um documentário, faz-se escolhas quanto detalhes técnicos cruciais para a qualidade do produto. Itens como iluminação, som, enquadramento, roteiro, entre outros, fazem parte de técnicas fundamentadas com o tempo na televisão e no cinema.

##### 4.2.3.1 Iluminação

“Se você tivesse de selecionar o fator mais importante a respeito de imagens, seria bom escolher a luz. Porque imagens são luz [...]. Em última análise, ela é a matéria-prima com a qual está lidando (WATTS, 1990, p.195)”

Pelo baixo custo do projeto, número reduzido de pessoas envolvidas e não ter muitas escolhas quanto ao cenário, as entrevistas não apresentam a mesma iluminação em todas. Algumas, em ambiente totalmente fechado, a luz artificial do local é a única iluminação. Em outras, com iluminação solar, o sol entre nuvens ou até a chuva, faz com que o cenário mude a luz em alguns trechos da entrevista.

Ainda sim, busquei contornar essas adversidades da melhor maneira possível. Na entrevista de Fausto Gamba, por exemplo, foi usado uma lâmpada de LED, em uma tentativa de rebater a falta de iluminação em um lado de seu rosto.

#### 4.2.3.2 Som

Um complicador em algumas entrevistas, o áudio e sua qualidade é um aspecto necessário na construção do produto audiovisual. Todos os sons são capturados pelo microfone, o que configura um problema quanto aos sons externos indesejados existentes na hora da entrevista. Fica o exercício proposto por Watts:

Feche seus olhos e ouça os sons ao seu redor. Primeiro escute os ruídos mais fortes e imagine de onde eles estão vindo. Depois despreze-os e escute os sons mais distantes que consegue (pássaros? trânsito? avião?). Depois de algum tempo, concentre-se nos sons mais próximos de você (rádio ligado? uma brisa? gente falando? relógio fazendo tique-taque?) Finalmente escute os sons e seu próprio corpo. Dá pra escutar sua respiração? Você acaba de fazer o que nenhum microfone consegue: ou seja, escolher o som que deseja captar. (WATTS, 1990, p.201).

Em algumas entrevistas, os sons externos foram complicadores. Conversas próximas, sons de trânsito e de pássaros fizeram parte de algumas entrevistas, ainda que não atrapalhe tanto no resultado final.

A escolha da lapela é justificada pela melhor captação do áudio do entrevistado, por capturar melhor sua voz e, pela proximidade com a boca de quem fala, acaba por não sofrer tanto com interferências externas, ainda que inevitáveis.

#### 4.2.3.3 Plano e enquadramento

Comum em entrevistas, o plano médio foi o escolhido na composição do documentário. Nas entrevistas, o método utilizado foi o uso de uma câmera com um tripé, posicionada um pouco para o lado da frente do entrevistado, com o entrevistador sentado ao lado da câmera, fazendo com que o entrevistado fale

olhando para o lado da câmera, o que dá o efeito de que o espectador está acompanhando a conversa sentado ao lado do entrevistador, dando um tom mais intimista ao documentário.

Quanto ao enquadramento, principalmente dentro desse plano, foi pensado no melhor cenário dentro do local onde foi feita a entrevista. Com Luiz Marini, por exemplo, optei por trocar de sala, considerando que a escolhida estava melhor iluminada, além de ter uma composição de móveis e de decoração mais complexa. Diferente do caso de Fausto Gamba, onde, por falta de opção, o fundo ficou todo verde, sem alguma decoração ou algo do tipo.

#### 4.2.4 Pré-entrevistas

Considerando que não tinha adquirido a câmera ainda e pela necessidade de conhecer um pouco da história oral do E.C Noroeste e da E.F. Noroeste do Brasil, preferi fazer algumas pré-entrevistas para adiantar alguns contatos que me seriam importantes posteriormente e também para ver como essas pessoas, na maioria dos casos, senhores já idosos, se portavam diante da abordagem de uma entrevista.

Conceitua Puccini sobre o método da pré-entrevista:

Alguns problemas freqüentes relacionados à pré-entrevista são: possíveis situações de constrangimento, resistência, ou mesmo recusa, por parte do entrevistado em conceder a entrevista (o que depende muito do assunto a ser abordado), e, em um outro extremo, expectativa do entrevistado quanto a possível participação no documentário (estar dentro do filme). Como forma de contornar esses problemas, Rosenthal sugere que se faça uma primeira abordagem de maneira cautelosa. Para evitar possíveis constrangimentos, a estratégia, para Rosenthal, é fazer o registro da entrevista se valendo apenas de anotações à mão ou no máximo de um gravador de áudio, isso caso o entrevistado concorde em ser gravado (PUCCINI, 2009, p. 182).

Nesse período de pré-entrevistas, fiz seis entrevistas presenciais, cinco em dezembro e uma em janeiro, utilizando apenas um gravador de áudio, que captou toda a conversa. Os entrevistados foram: Luciano Dias Pires; Luiz Marini, Zé Carlos; Fausto Gamba Gonçalves; João Francisco Tidei de Lima e Fernando BH. Também

tinha tentado entrevistar Paulo Sérgio Simonetti e Plínio Scriptore antes da virada do ano, mas o primeiro recusou uma entrevista e o segundo teve problemas de saúde na semana em que havíamos marcado uma conversa. As entrevistas com Luciano, Luiz, Zé Carlos e Fausto foram realizadas nas suas próprias casas.

Luciano me recebeu no Hall de seu prédio, onde conversamos por pouco mais de uma hora. Falamos sobre sua atuação como empregado de relações públicas da ferrovia e também sobre sua atuação no clube e no esporte bauruense como um todo. Conversamos também sobre o momento atual do clube e algumas passagens como, por exemplo, quando ele quase assumiu a presidência do clube por indicação de Ramiro Gorreta, General da época.

Luiz Marini me recebeu em seu apartamento, onde vive atualmente com sua esposa. Em uma entrevista que durou 40 minutos, Luiz me contou sobre sua trajetória no esporte e como a ferrovia atuou em sua contratação, na época, crucial para o primeiro acesso do clube à primeira divisão do campeonato paulista. Luiz também me contou os porquês de ter ficado na cidade, mesmo não sendo bauruense e tendo jogado futebol na cidade por apenas dois anos. Por estar em Bauru há muito tempo, Luiz, que foi dono de uma padaria e também comprador da Beneficência Portuguesa, me falou sobre como era e como está Bauru atualmente. nos aspectos esportivo e urbano.

Já Zé Carlos, também ex-atacante do clube, me recebeu em sua casa na vila Falcão. Debitado e com problemas de memória, Zé Carlos, em uma entrevista de meia hora, me contou um pouco sobre sua carreira, com passagens por diversos times do interior e também pela Portuguesa, onde chegou a jogar com Djalma Santos. Ele também me contou sobre como foi fazer o primeiro gol do estádio atual do norusca, o então Ubaldo de Medeiros, além da excursão na Bolívia, onde jogaram três partidas em Cochabamba, local com 2500 metros de altitude. Logo no começo de janeiro, Zé Carlos passou por uma cirurgia, que o deixou impossibilitado de conceder uma segunda entrevista, o que fez com que eu o cortasse de uma participação no documentário.

Fausto Gamba me recebeu na sua casa, um prédio na rua Primeiro de Agosto, no centro da cidade. Lá conversamos sobre o início do clube, sua fundação, a passagem de Pelé pela cidade e também sobre sua paixão por estatísticas, mote

principal de seu livro. Fausto também me mostrou um pequeno acervo de recortes de jornal e livros que tem sobre futebol. A entrevista durou pouco menos de uma hora.

A entrevista de Fernando BH foi marcada para janeiro, pois, não conseguimos conciliar horários em dezembro para a sua realização. Em uma conversa de pouco mais de uma hora, em uma sala de reuniões da editora Alto Astral, local em que trabalha, Fernando me contou sobre quando começou acompanhar o clube e a administração Damião Garcia. Tal administração, gloriosa, mas, com final conturbado, foi detalhada em algumas passagens contadas por Fernando.

Ele contou também sobre como foi o trabalho de edição dos livros do Paulo Sérgio Simonetti, que retratam a história do clube. Disse, ao final da entrevista, que vê com otimismo a administração atual do clube, que parece, aos seus olhos, mais empenhada, séria e com os pés-no-chão, sem querer cometer loucuras. Logo após a entrevista, Fernando também me contou sobre seu blog, o Canhota 10, e suas projeções para o esporte bauruense no ano de 2017.

#### 4.2.5 Roteiro

Anterior ao relatório, foi necessário fazer um pré-projeto, onde são detalhados os objetivos, objeto, justificativa, metodologia, cronograma e outros itens na construção de um sentido para o trabalho final que estamos fazendo.

Ainda que não haja a necessidade de se fazer um roteiro, segundo Puccini, esbocei, no recesso de Natal e Ano Novo, um pequeno roteiro, com pouco mais de uma folha, sobre o caminho que gostaria de seguir no documentário, até para perceber personagens que me faltariam para poder contar uma história coesa, que contemplasse os meus objetivos. Dentro disso, um pequeno planejamento de cenas foi escrito, encaixando as histórias que seriam contadas. Elas são: Introdução; Surgimento do clube e importância da ferrovia para o clube e para a cidade; Estádios e construção do novo e Campanha histórica de acesso; Ajuda que a ferrovia dava ao clube em contratações e logística de viagens; Pelé no Noroeste e o que a ferrovia tem com isto; Viagens à Bolívia, incêndio e novo alfredão; Declínio da ferrovia e da relação \ como reagiu e ficou o time após os anos; Como ficou a cidade

sem o trem de passageiros; Quais as situações e projeções atuais para a Estação, Alfredão e Panela; Comentários finais e créditos.

### **4.3 Produção (entrevistas)**

No processo abaixo, discorro sobre como foi e com quem foi cada entrevista realizada para o documentário, mencionando a sua importância para o produto, dificuldades e algum fato curioso ou marcante da entrevista.

Plínio Scriptore - Sábado (14/01) 10h - Hall do seu prédio

Ex-jogador do Esporte Clube Noroeste e também ex-ferroviário da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, Plínio hoje é aposentado. No seu caso, vinha tentando uma entrevista desde dezembro, ao pegar seu contato na pré-entrevista de Luiz Marini. Marcamos entrevista no meio de dezembro, mas um pequeno mal súbito do entrevistado no dia marcado, impediu uma pré-entrevista.

Após o recesso de ano novo, voltei a contactá-lo e marcamos uma entrevista para o sábado, 14, já que Plínio alegou que no decorrer da semana teria uma bateria de exames e consultas com a finalidade de checar sua saúde já octogenária. Para me ajudar com o suporte desta entrevista, minha namorada, Helena Botelho, me acompanhou, sendo responsável pelo registro de uma segunda câmera.

Utilizamos a canon T5i, que ficou em um tripé, posicionado na frente do entrevistado e a nikon d3200 para registro de uma segunda câmera, que andava pelo cenário, registrando planos-detelhe e outros ângulos da entrevista, além de uma lapela ligada à um gravador para melhor captação de áudio.

Muito solícito, Plínio contou detalhes sobre sua carreira futebolística e também ferroviária, além de algumas passagens como diretor do E.C. Noroeste e a chegada e saída de Pelé no clube.

A entrevista durou cerca de uma hora. Após a gravação, continuamos a conversar sobre alguns momentos do clube e também sobre a política da cidade, enquanto íamos ao seu apartamento para registrar algumas fotos que Plínio tinha

reservado para me mostrar. Fotos estas que contribuirão no processo de edição da própria entrevista.

Luciano Dias Pires - Segunda (16/01) 16h - Hall de seu prédio

Historiador conhecido da cidade, Luciano Dias Pires foi relações públicas da E. F. Noroeste do Brasil até a década de 80, quando se aposentou pela ferrovia. Ainda sim, faz o suplemento do Jornal da Cidade “Bauru Ilustrada” há mais de quatro décadas, em edições mensais.

Realizei uma pré-entrevista com Luciano em meados de dezembro, onde ele me contou sua trajetória até os tempos atuais. Contou-me histórias sobre a fundação do clube, a construção e reforma dos dois estádios do E.C. Noroeste, a influência da E. F. Noroeste no crescimento da cidade e como o clube se destacou nos certames da cidade, tornando-se profissional e campeão do interior. Além de detalhes pessoais, como relatos de sua jornada de trabalho na ferrovia e sua atuação como conselheiro do E.C. Noroeste.

A entrevista em vídeo foi realizada em uma tarde nublada de janeiro. Dia 16, uma segunda-feira. Para apoio nesta entrevista foram minha namorada, Helena Botelho e meu amigo da faculdade, Gustavo Lustosa, atualmente no primeiro ano de jornalismo na Unesp. Helena fez as imagens da segunda câmera e Gustavo acompanhou a entrevista observando a primeira câmera, além de me ajudar com eventuais problemas. Para a primeira câmera, a que ficou com tripé foi utilizado a T5i e na segunda câmera foi utilizado a nikon d3200, além de uma lapela ligada à um gravador, mantendo a configuração da entrevista passada. Neste caso, por descuido meu ou algum defeito no equipamento, o gravador ficou desligado na primeira metade da entrevista, o que poderá me trazer problemas quanto ao áudio desta entrevista.

Luciano contou detalhes sobre algumas histórias que havia me contado na pré-entrevista, como a versão de Mário Tavares sobre a não-contratação de Pelé, as influências da ferrovia nas construções dos estádios noroestinos e como esta influência ajudava o clube em algumas contratações. Além disto, Luciano contou

sobre a ida do clube à Bolívia, onde foi chefe da delegação bauruense até o país vizinho.

A entrevista durou cerca de uma hora. Após a gravação, combinei com Luciano de entrar em contato para poder fotografar parte de seu acervo, com a intenção de utilizá-lo como imagem ilustrativa e plano de fundo de parte do documentário.

#### Luiz Marini - Quarta (18/01) 15h - Seu apartamento

Em um dia de muita chuva, que acabou por fazer eu cancelar a entrevista que seria no dia seguinte, com Fausto Gamba, entrevistei Luiz Marini em um horário em que o sol ainda fazia parte do dia.

Luiz foi uma das contratações feitas pelo Noroeste e capitaneada pela ferrovia na campanha do primeiro acesso à primeira divisão paulista em 1953. Campanha essa em que o Noroeste subiu após vencer oito de dez jogos na série final da competição. Ele foi contratado junto ao São Paulo. Em curta passagem pelo futebol, Luiz jogou apenas dois anos no Noroeste, tempo suficiente para iniciar um namoro que em 2017 comemorará 60 anos de casamento. Após encerrar sua carreira futebolística, ele voltou a Bauru, se casou e foi sócio de uma padaria, além de prestar seus serviços para a Beneficência Portuguesa da cidade.

Para a realização desta entrevista foram usados os mesmos equipamentos das anteriores, sem grandes mudanças. Gustavo Lustosa me acompanhou e fez registros com a segunda câmera. Após a gravação da entrevista ficamos conversando com Luiz e sua esposa enquanto fotografava algumas imagens e recortes de jornal que ele tem guardado em sua casa.

Luiz contou sobre a atuação da ferrovia no clube na época em que fora contratado e na sua contratação, além de mencionar como foi a campanha do Noroeste naquele ano e no seguinte. Luiz comentou também sobre a situação atual do clube e da ferrovia e suas instalações, contando também sobre como eram feitas as viagens dos jogadores por todo o estado de São Paulo, pelos trilhos da época. A entrevista em si durou cerca de 30 minutos, mas a conversa posterior aumentou este tempo.

Roberval Duarte Placce - terça (24/01) - 10h30 - Sede do sindicato dos ferroviários de Bauru

Coordenador geral do sindicato dos ferroviários de Bauru, Roberval Duarte Placce foi pego de surpresa. Neste dia, fui ao centro para conversar com alguém do sindicato que pudesse me indicar alguém para uma entrevista à respeito do início da ferrovia em Bauru, seu desenvolvimento, sua ruptura com o clube e uma opinião sobre o momento atual das estradas de ferro no país.

Roberval me atendeu de imediato, ouviu a proposta e conversamos por alguns minutos do lado de fora do sindicato, enquanto ele fumava um cigarro. Conversamos também sobre a fuga de alguns presos no CPP III de Bauru, que acabara de acontecer.

Logo após esta conversa, fomos para a sala de Roberval, onde gravamos a entrevista, curta e objetiva, que durou pouco mais de 20 minutos. Na entrevista, Roberval contemplou todos os assuntos acima, com tom ácido e lúcido de quem respira a ferrovia nos últimos 39 anos.

Nesta entrevista, utilizei apenas a T5i para registrar imagens e o gravador com lapela na captação do áudio.

Douglas Ruzon - terça (24/01) - 11h30 - Estação ferroviária de Bauru

Maquinista contratado pela prefeitura e graduando de história na USC, Douglas Ruzon conhece a história da malha ferroviária de Bauru como poucos. Indicado pelo diretor do museu ferroviário, Alex Sanches, Douglas concedeu uma entrevista de meia-hora na estação ferroviária, com a maria fumaça ao fundo.

Na entrevista, Douglas abordou a fundação da ferrovia, o traçado dela, que vai até ponta porã, na divisa com o Paraguai e Corumbá, fronteira com a Bolívia, seus interesses integralistas e também alguns detalhes sobre a política dos governos a respeito da malha ferroviária como um todo, até chegarmos no momento atual, onde a ferrovia sofre com problemas de manutenção, licenças e esquecimento da população.

Após a entrevista gravada, Douglas me contou também sobre algumas histórias de Bauru, como o fato do que é hoje o prédio do CPP III ter sido um campo de concentração na Segunda Guerra Mundial e também o fato da estação ferroviária ser construída toda em cima de estacas de madeira, para segurar o edifício no terreno de brejo que é o local, o que pode ter, na visão dele, interrompido o projeto da construtora Casa Alta de construir três edifícios próximo ao local, em um projeto de revitalização da área como um todo. Além disso, Douglas também contou que, em sua pesquisa sobre a Noroeste, ele levantou a informação de que, em apenas dois anos em toda a sua história, a ferrovia fechou o ano com lucro nas operações.

Esta entrevista também foi feita com apenas uma câmera, a T5i, e o gravador com lapela.

Após a entrevista, fiz algumas imagens da estação que comporão o documentário. Iria voltar ao museu ferroviário para fazer algumas filmagens, mas, em decorrência da rebelião do CPP III, o museu fechou as portas antes do almoço.

Paulo Sérgio Simonetti - terça (24/01) - 16h30 - 94 fm

Após recusa em dar entrevistas em um primeiro contato por email, Paulo Sérgio Simonetti topou me dar um pequeno depoimento sobre sua trajetória no rádio e passagens que vivenciou com o Noroeste.

Autor dos livros “Noroeste: 104 anos de um teimoso” e “Noroeste na era damião”, Simonetti é dono da 94fm, rádio bauruense, e trabalha com rádio desde jovem, até por ser neto de João “Joanin” Simonetti, pioneiro do rádio e televisão do interior da América Latina. Paulo Sérgio contou sobre a passagem do Pelé em Bauru após o título mundial, classificou a cidade de Bauru como “difícil”, ao se referir a maneira como a relação Pelé\Bauru se deu por um tempo e como a cidade não soube valorizar a história do surgimento do rei para o futebol, inclusive citando o caso da venda do estádio do BAC (onde hoje fica o supermercado Tauste) e o pouquíssimo resgate histórico feito no local.

Simonetti também contou sobre como foi erguido o estádio atual do Noroeste, com obras 24 horas por dia, em um clarão nas obras que era visto por boa parte da cidade no período noturno. Dentre as histórias contadas, Simonetti criticou o estado

das instalações ferroviárias da cidade e também elogiou o trabalho que vem sendo feito pela atual diretoria do E. C. Noroeste.

A entrevista foi feita com a T5i e contou com a ajuda de Gustavo Lustosa na nikon (heitor), além do gravador junto com a lapela.

Fausto Gamba Gonçalves - quinta (26/01) - 10h30 - Seu apartamento

Também entrevistado anteriormente, Fausto Gamba é historiador da cidade e autor do livro “Excelência pioneira do futebol bauruense”, que traz súmulas e relatos de todos os jogos do futebol do município até o ano de 1947.

O livro passa pelo momento amador da cidade, onde times surgiam nos bairros, fundados por empresas ou amigos, até o profissionalismo do Noroeste, que eleva o patamar do clube e faz com que exista um Noroeste para a disputa do profissional e outro para o amador, por um curto período de tempo.

Fausto conta, na entrevista, boa parte desses primórdios, relatando como surgem os clubes da cidade e como o Noroeste é fundado, destacando as histórias dos estádios e também as escalas de poder que passavam pela ferrovia e pelo clube. Fausto também relacionou o poder financeiro que tinha a ferrovia, além de como ela, oferecendo empregos comuns, atraía jogadores na época do amadorismo marrom.

A entrevista foi feita com a canon T5i e também o gravador com uma lapela para melhor captação de áudio. Com uma manhã chuvosa, preferi levar apenas uma câmera para realizar esta entrevista, até para não correr o risco de comprometer ainda mais materiais que não me pertencem.

Ao final da entrevista, fotografei alguns itens de seu acervo pessoal, além de fazer pequenos takes para cobrir cortes futuros, enquanto conversávamos sobre histórias de Bauru e o processo de edição de seu novo livro, que conta a história do futebol bauruense de 1947 até 2000 e que, segundo Fausto, está sendo cortado por ter mais de 500 páginas entre fotos e texto. Considerando o nível de detalhamento e tempo de pesquisa, vem mais um bom trabalho das mãos de Fausto Gamba, que acaba de completar 80 anos.

Fernando Beagá - terça (31/02) - 12h - Alto Astral

Cobrando o esporte da cidade desde a última década, BH é formado em jornalismo pela Unesp Bauru e também é editor-chefe na Alto Astral. Fernando é também dono do blog “Canhota 10” onde traz relatos, análises e notícias sobre tudo que acontece no cenário esportivo local.

Comentarista da 94fm, foi também o editor dos três livros do Paulo Sérgio Simonetti, dois deles que falam sobre o Noroeste.

Já o tinha entrevistado anteriormente, onde falamos sobre o começo de sua cobertura do esporte local, época onde Damião Garcia dava as cartas no clube, até o momento atual, que ele vê com otimismo.

A entrevista durou cerca de meia-hora e foi feita apenas com uma câmera, a T5i, um tripé e um gravador com uma lapela, equipamentos já tradicionais descritos neste relatório.

Na entrevista, Fernando me contou novamente sobre a era Damião Garcia, seu legado, imagem e problemas, não deixando de ressaltar a vitoriosa passagem do dirigente, ainda que com críticas por parte do marketing, do tratamento com a imprensa local e com empresas menores que procuravam o clube com interesse em patrociná-lo.

BH também contou sobre alguns planos de diretorias anteriores do clube, entre eles o de construir um museu do clube, algo que iria além dos troféus conquistados e expostos em uma sala no estádio Alfredo de Castilho. Planos engavetados, até pela situação em que se encontra o Noroeste.

Como destaques do momento atual, onde Fernando tece alguns elogios a atual diretoria, as mídias sociais e a clara tentativa de aproximar o bauruense do clube novamente, o que, nos últimos anos, não vinha acontecendo. Neste assunto foi citado algumas dificuldades comuns do interior paulista, como o torcedor que vem deixando de acompanhar o time da cidade em detrimento dos times da capital, chegando até a ir ao estádio ver jogos com camisas de outros clubes; O horário de alguns jogos, que competem diretamente com horários de séries A e B nacional ou estadual, o que atrapalha na bilheteria; A enorme aderência do futebol amador da cidade, principalmente se considerarmos que existem times no amador com mais de

meio século de história e também o carnaval da cidade, que ainda movimentava um contingente alto de pessoas por Bauru. Ainda sim, todos esses torcedores foram vistos na estreia do clube na série A3 contra o São Carlos no último domingo (29). Camisas de outros clubes ou agremiações locais foram vistas nas arquibancadas, mas em menor número do que antigamente. Fernando disse que era mais comum vê-las, mas que o trabalho desta diretoria em trazer o vermelho e branco do norusca vem sendo bem feito.

Ao final da entrevista ficamos conversando sobre edição de vídeo, o cenário de blogs esportivos de abrangência local e também sobre sua atuação na cobertura do esporte local.

Toninho Gimenes - quarta-feira (08/02) - 10h - Gabinete da prefeitura

Ex-presidente e conselheiro do clube, Toninho Gimenes é atual vice-prefeito da cidade de Bauru. Pela sua atuação na atual gestão da prefeitura e sua influência no E. C. Noroeste, Toninho foi o entrevistado para falar, como poder público, sobre os planos desta gestão para o estádio Alfredo de Castilho e também para a estação ferroviária da cidade. Na entrevista, de pouco menos de 20 minutos, Toninho contou também sobre sua passagem na presidência do clube, o momento atual e algumas dificuldades passadas pelo clube.

Para a realização desta entrevista, foi utilizado a Canon T5i, além de um microfone com lapela.

Walter Lisboa - quarta-feira (08/02) - 11h45 - Bosque da comunidade

Walter Lisboa é jornalista e radialista local. Com boa memória e sempre acompanhando o futebol nacional, Walter contou sobre muitas passagens das épocas em que Cláudio Amantini e, posteriormente, Damião Garcia foram presidentes do clube. Sempre fazendo comparações e elogios ao ex-presidente Amantini, Walter foi indicado pela esposa do próprio Amantini para falar sobre a época.

Walter contou, em pouco mais de 40 minutos, várias histórias pessoais sobre o Noroeste, as influências do próprio Amantini no imbróglio da troca de posse e, depois, da compra do estádio Alfredo de Castilho pelo Noroeste e algumas passagens sobre a época de Damião Garcia em seus mandatos como presidente do clube.

Nesta entrevista, os mesmos equipamentos das entrevistas anteriores foram utilizadas.

Antes e após a entrevista, Walter contou passagens folclóricas sobre o futebol bauruense, como a saída de Pelé do norusca (inclusive contando a versão de Mário Tavares, também contada por Luciano Dias Pires) e bastidores do clube nos tempos em que cobria mais de perto o time.

#### **4.4 Pós-produção**

Dentro do processo de edição, a maior dificuldade encontrada é o processo de seleção de falas e como encaixá-las de maneira que a história faça sentido. Trazer o enredo para seu domínio e apresentá-lo para que fique de fácil entendimento e de maneira informativa, mas, sem perder o entretenimento que é assistir a um documentário é uma tarefa complexa.

A grande vantagem do vídeo é poder tornar os fatos vivos e apresentá-los de uma maneira interessante [...]. Fazer isso com ponderação e imparcialidade ao mesmo tempo, é uma das coisas mais difíceis para o produtor. Mas tem de ser feito. Produções abarrotadas de fatos deixam a audiência tão cansada e confusa que, por fim, ela é que deixará você (WATTS, 1990, p.22).

Para melhor organização deste relatório, optei por realizar um diário de edição, com os horários e o trabalho feito dia após dia. O objetivo deste diário é relatar avanços, dificuldades e dúvidas na edição do documentário da maneira mais fácil e clara possível

27 de janeiro, sexta-feira

Após ter feito algumas edições curtas, para me lembrar de recursos básicos do Adobe Premiere, comecei realmente a edição do documentário nesta sexta. Pouco antes das dez horas da manhã, comecei a edição no laboratório 04 do mundo perdido (central de laboratórios da FAAC). Lá fiquei até pouco antes das sete horas da noite, quando uma professora de Design chegou para dar sua aula no local.

Hoje selecionei trechos que podem ser utilizados no decorrer do documentário de todas as entrevistas, além de sincronizar o áudio de todas que já tenho gravadas. Fiz estes dois processos com as entrevistas de Luciano Dias Pires, Luiz Marini, Paulo Sérgio Simonetti, Douglas Ruzon e Roberval Duarte Placce e Fausto Gamba Gonçalves. a entrevista de Plínio Scriptori já havia passado por estas etapas anteriormente.

Alguns detalhes ficaram ainda mais evidentes na edição. Por não ter gravado com o gravador e lapela a entrevista do Luciano, fica perceptível que terei que aumentar o áudio de sua entrevista posteriormente, visando chegar perto do padrão de áudio que estou criando no decorrer das entrevistas.

A camisa escolhida por Luciano não fica muito bem na imagem, o que já tinha pensado quando o vi na hora de entrevistá-lo. Não pedi pra trocar por insegurança e também por não ver essa necessidade como algo crucial na gravação. A camisa dele tem listras muito finas, o que causa efeitos visuais quando ele se movimenta. Outra constatação é a mudança de luminosidade do cenário, neste caso, o Hall do prédio onde Luciano mora. O dia nublado trouxe um sol que ficava saindo e entrando nas nuvens, ficando visível em algumas cenas da gravação.

A entrevista de Luiz Marini tem um pequeno reflexo nos seus olhos, causado pela luminosidade contra o seu óculos, mas que, na edição, não pareceu comprometer a qualidade da imagem como imaginei que fosse acontecer quando me dei conta disso enquanto gravávamos.

O áudio de Paulo Sérgio Simonetti ficou com um pouco de eco, causado pelo espaço em que gravamos. Eu mesmo quem pediu para fechar a porta, a fim de evitar barulhos que poderiam comprometer o áudio. Mas o som ficou reverberando pela sala, algo que só notei quando fui sincronizar a entrevista. O fato do entrevistado ter uma voz forte, alta e clássica de locutores de rádio, fez com que o eco ficasse ainda mais evidente.

No caso de Douglas Ruzon eu já imaginava um áudio com algumas imperfeições devido à proximidade com a rua e a movimentação dela, já que gravamos no meio da estação ferroviária no dia da fuga dos reeducandos do CPP III de Bauru, o que, imagino que tenha provocado um pouco mais de intensidade ao local, considerando principalmente que há um ponto de ônibus logo em frente e que os trabalhadores foram dispensados de seus serviços naquele horário em que gravamos.

Com Roberval Duarte Placce o áudio ficou um pouco conturbado porque o Sindicato dos Ferroviários estava com uma movimentação intensa. Acrescenta-se o fato de que um companheiro de Roberval, José Carlos da Silva, está praticamente surdo, o que faz com que as pessoas, até por falta de instrução de todos sobre como proceder neste caso, gritem para se comunicar entre eles. A luminosidade também oscilou um pouco nesta entrevista.

Já com Fausto Gamba Gonçalves a pouca luminosidade de seu apartamento, aliada à chuva que acontecia no momento, fez com que acabássemos por usar a sua copa como cenário. Por sorte, Fausto tinha uma espécie de lâmpada de LED, que auxiliou na iluminação do local, mas, por causa desta luz, o canto inferior de Fausto no vídeo, ficou sombreado, o que prejudicou um pouco a imagem que gostaria de ter feito. Outro ponto que prejudicou um pouco a entrevista com Fausto, foi o fato do entrevistado ter feito, e usado, uma espécie de cola, com alguns acontecimentos, nomes e datas para citar na entrevista, o que fez com que ele, em algumas vezes, olhasse para baixo para conferir as informações passadas. Logo na segunda pergunta, disse a ele para olhar mais pra mim para responder, mas fiz isso de maneira tranquila, para não inibir o entrevistado, nem parecer muito autoritário. Consegui certo êxito, já que Fausto diminuiu o número de vezes que olhou para baixo depois do pedido. Como dizer para um senhor de 80 anos recém completos para não conferir seus dados? Complicado.

Aproveitei uma sobra de tempo para começar a editar o documentário em si, criando uma linha narrativa conforme o rascunho-roteiro que fiz. Optei por montar o início, sem contar o que seria a primeira cena do documentário, mas sim, a primeira de entrevista. Comecei selecionando cenas que remetem ao início do futebol e da ferrovia na cidade de Bauru, em relatos de Fausto, Luciano, Douglas e também do

Roberval. Contando todos os recortes iniciais que fiz, deu pouco mais de três minutos de imagem pura, sem qualquer tipo de edição que não seja corte. Segunda tem mais.

30 de janeiro, segunda-feira

Cheguei na Unesp pouco antes das 10h da manhã e por lá fiquei até o final da minha aula, pouco antes das 22h. Como a sala 4 estava em aula, pedi aos técnicos que abrissem a sala 1, que agora também tem computadores com o pacote Adobe. Prontamente atendido, comecei o segundo dia de edições.

No dia de hoje cortei e montei até onde seria o minuto 14, onde é mostrado a passagem de Pelé no Noroeste. Mas até esta parte não pode passar muito de 12 minutos, o que me fará tirar algo daqui quando for refinar ainda mais o documentário. Para chegar até esta parte, editei as histórias dos estádios antigos do Noroeste, as influências nas contratações por parte da ferrovia e as campanhas de 43, onde ainda não havia acesso e também a campanha do primeiro acesso, em 53. Em ambas as campanhas há uma tentativa de mostrar como a Noroeste do Brasil apoiava o clube, tanto com estrutura física e também com contratações e emprego aos jogadores.

A história do Pelé no Noroeste (que daria um documentário separado) ficou maior do que esperava, considerando que cheguei no minuto 14 e ainda nem sequer contei um pouco sobre as viagens à Bolívia a bordo dos trens da Noroeste e também sobre o incêndio do antigo e construção do novo Alfredo de Castilho, que surge como estádio Ubaldo de Medeiros.

O problema é que na sala 1 o Adobe Premiere é a versão mais recente e na sala 4 não. Pelo que ouvi, vou ter problemas com isso, talvez tendo que editar somente na sala 1 a partir de agora, ou ter que fazer algum tipo de exportação para poder usar a sala 4. A Adobe complica demais.

31 de janeiro, terça-feira

Por ter entrevista com o jornalista Fernando BH na Alto Astral na hora do almoço e com o presidente do E.C. Noroeste às 15h (que acabou por não se

realizar), cheguei na Unesp às 19h, ficando até próximo à 21h30, já que tinha aula de cultura brasileira neste horário.

Neste período editei a parte onde é contada a passagem do Pelé pelo Noroeste e como ficou a relação com Bauru do Pelé após o título mundial na voz do radialista Paulo Sérgio Simonetti. O trecho conta com versões de Luciano Dias Pires e Plínio Sciptore sobre o fracasso do norusca na contratação do então menino que arrebatava com os terrões de Bauru.

01 de fevereiro, quarta-feira

Como nem a sala 1 nem a sala 4 ficam disponíveis na quarta-feira de manhã, comecei a rotina de edições somente às 14h, ficando até 18h30 na sala 1.

Foi um dia de quebra-cabeças, já que estou chegando em um momento do documentário onde me faltam algumas peças para completar o produto. Pensando nisso arrumei alguns cortes de dias anteriores e também idealizei maneiras de passar o tempo na sequência do documentário, o que ainda não tinha uma ideia forte na minha cabeça. Dia fraco em produção, mas necessário.

02 de fevereiro, quinta-feira

Cheguei na Unesp perto das 11h da manhã e montei duas cenas: a primeira, contando o declínio da relação entre o clube e a ferrovia, cena que conta com depoimentos de Fausto Gamba, Luiz Marini e Roberval Placce e a segunda cena que fala sobre o fim do trem de passageiros na cidade e o declínio da ferrovia como um todo. cena esta que conta com falas de Roberval e Douglas Ruzon. Além disso, esquematizei melhor o que me falta em questão de tempo, edição de vídeo e fotos e também entrevistas.

06 de fevereiro, segunda-feira

Cheguei na sala 1 às 10h da manhã com o objetivo de começar a arrumar áudios e passagens de vídeos, o que praticamente concluí nas cenas já editadas, que formam aproximadamente 18 minutos de documentário. Vi alguns conceitos sobre *creative commons* de músicas, além de músicas anteriores ao ano de 1966, livres de direitos autorais. Além disso, inseri algumas imagens que cobrirão cortes e

trocas de personagens entrevistados. Ao final, fiz algumas edições no relatório final. Fui embora 21h30.

07 de fevereiro, terça-feira

Cheguei na sala 1 às 10h da manhã novamente e inseri algumas imagens de fundo no documentário, também ouvi algumas músicas que poderão compor o produto final. Além disso, revi algumas cenas e arrumei alguns detalhes, nada de excepcional, já que, amanhã, terei duas entrevistas e poderei aumentar ainda mais o avanço do documentário.

08 de fevereiro, quarta-feira

Com as entrevistas no período da manhã e do almoço de Toninho Gimenez e de Walter Lisboa, vim para a Unesp perto das 15h. Ao chegar na sala 1, sincronizei os dois áudios com os respectivos vídeos, revisei o conteúdo que me restava para editar e comecei a encaixar as sequências, cortando algumas coisas da entrevista do Walter e unindo-as às outras entrevistas com assuntos relacionados (no caso a passagem do Cláudio Amantini e a desvinculação do estádio Alfredo de Castilho da ferrovia).

Após um longo período fazendo isso, comecei a selecionar os trechos sobre a gestão Damião Garcia e, também separei em pequenos trechos de 20 segundos (tempo máximo) para cada passagem que será inserida imagens dos bastidores do jogo do dia 12, do Noroeste contra o Inter de Limeira em cada virada de tema da história. A intenção desses “saltos” de 20 segundos cada era medir o tempo provável do documentário até o momento. Nesse caso deu 24 minutos, o que indica que pequenos cortes precisarão ser feitos, considerando que ainda serão colocados trechos sobre a era Damião, os panoramas atuais e também comentários finais e créditos, que, na minha conta dão em torno de quatro minutos ainda incertos, totalizando 28 minutos, dois acima do esperado. O período de edição do dia foi concluído após às 22h.

09 de fevereiro, quinta-feira

Nesta quinta-feira, cheguei na Unesp pouco antes das 14h. Ainda precisava cortar algumas cenas para concluir o período onde falávamos da era Damião Garcia para faltar o momento atual e algumas reflexões sobre a ferrovia.

Por ter reunião com o professor e orientador do documentário, Marcos Américo, exportei uma versão do projeto para que ele pudesse ver e dar um parecer sobre o processo, andamento da edição e aspectos do relatório.

Ao final da reunião, às 17h10, voltei ao laboratório onde fiz algumas correções no texto deste relatório e também em alguns trechos do vídeo, que por algum problema na importação de dois arquivos de uma versão do Premiere para outra (sala 4 para sala 1, que tem versões diferentes), as imagens dessas sequências tinham sido comprometidas. Impossibilitado de ficar por mais tempo, fui embora às 19h da Unesp.

10 de fevereiro, sexta-feira

Com a necessidade de terminar os dois últimos trechos do documentário e também ajustar alguns áudios e passagens de cenas, cheguei na Unesp às 8h15, aproveitando a sala 1 ficar livre nos períodos da manhã e da tarde.

Editei os trechos finais, sobre os panoramas atuais do E. C. Noroeste e sobre a situação atual da malha ferroviária, em especial a bauruense.

Após essas duas construções, saí para almoçar, voltando perto das 14h. Após retornar do almoço, ajustei passagens de cenas, áudios baixos ou altos demais e também inseri algumas imagens de fundo que já tinha gravado da ferrovia e do estádio Alfredo de Castilho, além de pesquisar algumas músicas que poderão compor o produto final.

13 de fevereiro, segunda-feira

Já com as imagens gravadas do jogo do dia anterior (Noroeste x Inter de Limeira), cheguei na Unesp às 10h e selecionei as melhores imagens que tinha feito do jogo e dos momentos que antecederam a partida.

Após fazer isso, comecei o processo de encaixar as cenas nos espaços programados para elas, já pensando e produzindo a abertura e o encerramento do

documentário, ao som de “trem das onze” de Adoniran Barbosa, do ano de 1964. Processo cansativo, mas prazeroso.

A intenção da ordem das cenas é mostrar a preparação e atmosfera do clube em dia de jogo, com cenas que, com o passar do documentário, foi avançando temporalmente, assim como o documentário.

Ao final da noite, tinha editado 33 minutos de documentário, encerrando sua história. Agora resta algumas imagens para cobrir algumas cenas, imagens que farei utilizando o acervo de Luciano Dias Pires, e informações que são escritas no vídeo, como créditos e GCs (caracteres que aparecerão no vídeo). O dia de edição terminou perto das 22h, mas algumas pausas já programadas atrasaram o trabalho de hoje.

14 de fevereiro, quarta-feira

Cheguei na sala 1 dos laboratórios da FAAC perto das 14h. No dia de hoje, além de terminar este relatório, inseri os GC's, título do documentário e os créditos, restando agora apenas as imagens retiradas do acervo do Luciano Dias Pires, que serão feitas amanhã à tarde. A versão final de 33 minutos que será apresentada na banca, já terá essas imagens.

#### 4.5 Cronograma

Com base no tempo que tenho para realizar o documentário e suas fases de produção, pré-produção e pós-produção, esbocei um cronograma que ajudará na organização do desenvolvimento do produto.

Meses (2016-2017)	Processos
Outubro	Pesquisa
Novembro	Pesquisa / Pré-entrevista
Dezembro	Pré-entrevista / Roteirização
Janeiro	Gravação / Decupagem / Edição
Fevereiro	Edição / Revisão / Relatório
Março	Divulgação / Apresentação banca TCC

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir um documentário sobre as raízes e desdobramentos de um clube de futebol centenário como o Esporte Clube Noroeste e buscar contar como a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil ajudou a construir essa história foi um desafio.

Desenvolver uma linha de raciocínio coerente, encontrando pessoas para contar essas histórias foi um momento engrandecedor na minha graduação.

A ideia de produzir um documentário com esta temática abrange algumas intenções pessoais dentro do jornalismo. O fato de gostar de esporte e das histórias que cercam este universo sempre foi norteador na escolha pela profissão. Poder deixar pra cidade de Bauru um produto que tem parte da cidade pulsando nele, compreende também a necessidade de retornar algo para a sociedade em que vivemos.

Como formando em jornalismo, utilizar técnicas de entrevista, de edição de imagens, de filmagem, além da pesquisa técnica e teórica que um documentário exige, trouxe uma experiência nova e um desafio prazeroso em minha graduação. A escolha do tema faz parte de meus interesses em seguir carreira como jornalista esportivo, ampliando minha visão como um apaixonado pelo esporte e pelas várias histórias que o futebol no interior paulista pode contar.

A escolha por um produto audiovisual foi feita para alcançar mais pessoas, trazendo imagens e cenas que ajudarão o espectador a entender o contexto onde se passa a história, o que faz com que a qualidade na captação de imagens seja essencial.

Neste processo, os personagens e suas recordações ajudaram no processo, podendo compor o documentário com maior precisão e eficácia. Ainda sim, o processo de edição refina o material, fazendo com que algumas imagens não sejam utilizadas.

Todos os depoimentos foram gratificantes, além de mostrar algumas histórias pessoais, fazendo com que as pessoas se identifiquem com o entrevistado, buscando a empatia do espectador.

Dentre as dificuldades levantadas, não poder realizar algumas entrevistas como a do ex-atacante Zé Carlos e do ex-presidente Cláudio Amantini são lamentações do processo. Não ter um computador com Premiere para poder editar em casa também foi uma dificuldade, mas, os laboratórios da Unesp e as dez novas licenças do pacote Adobe disponibilizadas na sala 1 foram fundamentais na edição.

O fato de não ser bauruense também traz algumas dificuldades. Por não acompanhar a história do clube desde pequeno, ouvir histórias folclóricas sobre o time da cidade e entender tão bem os bastidores como alguém que acompanha o dia-a-dia do clube acaba por provocar um distanciamento em algumas histórias. Ao mesmo tempo, tal distanciamento é positivo por não permitir que influências de recordações ou sentimentais sejam levadas tão em conta na produção do documentário se fosse bauruense ou noroestino desde pequeno.

Contextualizar histórias que se passaram bem antes do meu nascimento até o momento atual, trazendo para uma linguagem acessível e moderna mostra a importância que é contar estas histórias e alcançar pessoas para que possam manter e lutar por patrimônios que pertencem à cidade e às pessoas que vivem nela.

Conseguir encaixar falas de todos os entrevistados, trazendo coerência e leveza para o documentário também foi um desafio enorme. Ainda que tenha, deixado de falar com algumas pessoas, todos os depoimentos foram bastante significativos, sempre com bons momentos e em um nível histórico importante para o enredo apresentado.

Inicialmente a intenção deste produto era terminar entre 25 e 28 minutos, tempo considerado padrão para a exibição para a televisão em um espaço de meia-hora. Ao final, terminei com pouco mais de 33 minutos, mas com a sensação de que pude contar e entregar a história como deveria. Pretendo ainda cortá-lo para que termine de acordo com as minhas primeiras pretensões.

De acordo com minhas contas no começo da realização do documentário, a parte onde é falado o período dos anos 1990, a “era Damião Garcia”, seria quase inexistente, já ligando para o período atual, o que não ocorreu. Outro ponto que terminou por ficar maior do que o planejado foram as considerações finais. De início,

julguei precisar de dois a três minutos e, esta, acabou ficando com quase cinco, o que aumentou o tempo de duração do projeto.

Por conhecer o espaço físico da estação ferroviária e saber das ligações que as duas instituições tinham entre elas, até, inclusive, em seus nomes, relatar como a ferrovia foi importante na formação e fortalecimento do único clube que se manteve até os tempos atuais, sendo o único profissional da cidade também atende a intenção de mostrar pra cidade a importância da manutenção do patrimônio ferroviário da cidade, que era o maior entroncamento ferroviário da América Latina.

Apesar de ter a ferrovia como um plano de fundo para a história, destacar estas histórias de um clube centenário é significativo devido ao estado atual da malha ferroviária brasileira, escanteada nas últimas décadas. A intenção de produzir um documentário que destaque a importância esportiva e também a ferroviária para o país e, principalmente, para Bauru, foi o norte desta empreitada. Entregar um produto que relata uma parte significativa da história da cidade é gratificante e espero que esteja ao alcance que ela merece.

## REFERÊNCIAS

GHIRARDELLO, Nilson. **À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SIMONETTI, Paulo Sérgio. **Noroeste: 104 anos de um teimoso**. Bauru: Estúdio Teca, 2014.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Sérgio José Puccini. **Introdução ao roteiro de documentário**. Campinas: Papirus, 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.

WELLER, Wivian.; BASSALO, Lucélia M.B. **Imagens: documentos de visões de mundo**. *Sociologias*, v.13, n.28, p.284-314, 2011.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: Técnicas Para Uma Produção De Alto Impacto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2008.

WATTS, Harris. **On Camera: O curso de produção de filme e vídeo de BBC**. São Paulo: Summus, 1990.

LOSNAK, Célio. **Nos trilhos da memória: Ferro e sangue: Histórias de vida de ferroviários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e RFFSA**. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru / Secretaria de Cultura, 2004.

FRANCISCO, Carlos Gustavo Tofoli.; SCHIAVONE, Ronaldo José. **Nos trilhos do futebol: a história do esporte clube noroeste**. Bauru: [s.n.], 1998.

## APÊNDICES

### Roteiro - documentário

ÁUDIO	VÍDEO
CENA 1 - INTERNA\Dia	TÚNEIS DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA E DO ALFREDÃO
FALA DESTACANDO A IMPORTÂNCIA DA NOROESTE E DO NOROESTE PARA BAURU	DESCENDO AS ESCADAS DO TÚNEL DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA. VAI ESCURECENDO A TELA E, AO CLAREAR, A IMAGEM SERÁ DA SUBIDA DAS ESCADAS DOS TÚNEIS DO ALFREDÃO.
CENA 2 - EXTERNA\Dia	GRAMA ESTAÇÃO E ALFREDÃO
FALA SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DAS DUAS INSTITUIÇÕES	CÂMERA MOSTRA A SITUAÇÃO DO GRAMADO DO ESTÁDIO E, NO MESMO EFEITO DA CENA ANTERIOR, O MATO PRESENTE NA ESTAÇÃO, REVELANDO O ESCRITO "BAURU" PRESENTE LÁ.
CENA 3 - EXTERNA\Dia	SÍMBOLOS
FALA SOBRE O SENTIMENTO DE SAUDADE DOS BONS TEMPOS	A IMAGEM MOSTRA OS DOIS SÍMBOLOS MARCANTES DAS INSTITUIÇÕES, JÁ LIGANDO PARA A ABERTURA DO DOCUMENTÁRIO
CENA 4 - SOBE SOM	ABERTURA DO DOC.
MÚSICA AINDA NÃO DEFINIDA, PODENDO SER, POR EXEMPLO, O HINO DO E. C. NOROESTE	A ABERTURA TRARÁ OS TRILHOS NO CENTRO DA CÂMERA, INDO PARA FRENTE NO PERCURSO E, NA SEQUÊNCIA SOBE A IMAGEM, REVELANDO O LOGO E NOME DO DOCUMENTÁRIO.
CENA 5 - INTERNA\Dia	MUSEU FERROVIÁRIO
HISTORIADOR	SERÁ CONTADA AQUI A IMPORTÂNCIA DA NOROESTE PARA O BRASIL E O PORQUÊ DA SAÍDA DOS TRILHOS DE BAURU. ALGUMAS IMAGENS DE FUNDO COMPORÃO A CENA
CENA 6 - INTERNA\Dia	ESTAÇÃO OU SALA DO ESTÁDIO

LUCIANO DIAS PIRES	LUCIANO CONTARÁ SOBRE O CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO DA ÉPOCA, O SURGIMENTO DO NOROESTE E COMO A FERROVIA E SEUS FUNCIONÁRIOS FORAM FUNDAMENTAIS PARA CRIAÇÃO DO CLUBE. IMAGENS DE SEU ACERVO ESTARÃO PRESENTES.
CENA 7 - INTERNA\ DIA	ESTAÇÃO OU MUSEU HISTÓRICO
FAUSTO GAMBA	FAUSTO CONTARÁ COMO ERA BAURU E O CENÁRIO ESPORTIVO QUANDO O NOROESTE FOI FUNDADO, CITANDO AS RIVALIDADES DA ÉPOCA E O PERÍODO AMADOR DA EQUIPE. FAUSTO FALARÁ TAMBÉM SOBRE OS ESTÁDIOS OU A CAMPANHA DO ACESSO, DANDO GANCHO PARA A PRÓXIMA PARTE DO DOC.
CENA 8 - INTERNA\ DIA	ESTAÇÃO OU SALA DO ESTÁDIO
LUCIANO DIAS PIRES	LUCIANO CONTARÁ SOBRE A CAMPANHA DO PRIMEIRO ACESSO A TAMBÉM SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS ESTÁDIOS. EM ALGUM MOMENTO, DARÁ DEIXA PARA FALARMOS DE LUIZ MARINI.
CENA 9 - INTERNA\ DIA	ESTÁDIO ALFREDO DE CASTILHO
LUIZ MARINI	CONTRATADO PELA FERROVIA, LUIZ MARINI CONTARÁ SOBRE A FORÇA DA FERROVIA EM CONTRATAÇÕES, ALÉM DE SUA PASSAGEM PELO CLUBE.
CENA 10 - INTERNA\ DIA	ESTÁDIO ALFREDO DE CASTILHO
ZÉ CARLOS	ZÉ CARLOS ENTRA NO DOC DE MANEIRA RÁPIDA, CONTANDO SOBRE O FATO DE TER SIDO O AUTOR DO PRIMEIRO GOL DO NOVO ESTÁDIO DO TIME E A EMOÇÃO DO MOMENTO.
CENA 11 - INTERNA\ DIA	ESTAÇÃO OU SALA DO ESTÁDIO
LUCIANO DIAS PIRES	LUCIANO CONTARÁ SOBRE COMO UM TIME DE FERROVIA SE BENEFICIAVA NAS LOGÍSTICAS DE VIAGENS PELO INTERIOR PAULISTA E COMO ISSO SE DAVA DENTRO DA NOROESTE.
CENA 12 - EXTERNA\ DIA	PRAÇA PRÓXIMA AO HABIBS

PLÍNIO SCRIPTORE	PLÍNIO CONTARÁ SOBRE COMO A NOROESTE AJUDAVA O CLUBE, JÁ TRAZENDO A FATÍDICA HISTÓRIA DA NÃO CONTRATAÇÃO DE PELÉ E COMO FOI A ATUAÇÃO DA FERROVIA EM RELAÇÃO AO CASO.
CENA 13 - INTERNA/DIA	ESTAÇÃO OU SALA DO ESTÁDIO
LUCIANO DIAS PIRES	CONTARÁ SUA VERSÃO SOBRE A NÃO CONTRATAÇÃO DE PELÉ E COMO A FERROVIA ATUOU NO CASO. CONTARÁ TAMBÉM SOBRE UMA POSSÍVEL MUDANÇA DE ESTRATÉGIA DA FERROVIA EM RELAÇÃO AO TIME, JÁ TRAZENDO AS VIAGENS À BOLÍVIA NA HISTÓRIA
CENA 14 - INTERNA/DIA	ESTÁDIO
ZÉ CARLOS	CONTARÁ COMO FOI A LOGÍSTICA E A EXPERIÊNCIA DE JOGAR NA BOLÍVIA, EM COCHABAMBA.
CENA 15 - INTERNA/DIA	ESTAÇÃO OU SALA DO ESTÁDIO
LUCIANO DIAS PIRES	LUCIANO ENCERRA SUA PARTICIPAÇÃO CONTANDO SOBRE COMO FOI SEU DESLIGAMENTO DO CLUBE E COMO ERA A POLÍTICA INTERNA QUANDO ELE SAIU.
CENA 16 - INTERNA/DIA	SALA DA PRESIDÊNCIA DO NOROESTE
CLÁUDIO AMANTINI	O EX-PRESIDENTE DO CLUBE CONTARÁ COMO FUNCIONAVA A INFLUÊNCIA DA FERROVIA DEPOIS DOS ANOS 70. COMO ENCONTROU O CLUBE E AS DIFICULDADES QUE TEVE NA SUA ADMINISTRAÇÃO.
CENA 17 - INTERNA/DIA	SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS
SINDICATO	MEMBRO DO SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS CONTARÁ SOBRE COMO ERA A SITUAÇÃO DA FERROVIA NAS DÉCADAS DE 60 E 70, FAZENDO UM PARALELO COM A ATUAÇÃO DA FERROVIA NO CLUBE, SE POSSÍVEL. LOGO APÓS ESTE MOMENTO, CONTARÁ SOBRE COMO FOI PRA CIDADE PERDER O TREM DE PASSAGEIROS E O POSTERIOR SUCATEAMENTO DA MALHA FERROVIÁRIA BRASILEIRA, PRINCIPALMENTE EM BAURU.
CENA 18 - INTERNA/DIA	ALFREDO DE CASTILHO

FERNANDO BH	CONTARÁ SOBRE AS DIFICULDADES ATUAIS (10, 15 ANOS) DO CLUBE E COMO A RELAÇÃO COM A FERROVIA E CIDADE FOI DESGASTADA.
CENA 19 - INTERNA\ DIA	SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS
SINDICATO	CONTARÁ SOBRE COMO ESTÁ HOJE A SITUAÇÃO DOS PRÉDIOS DAS FERROVIAS E AS PREVISÕES DO SINDICATO PARA O FUTURO DESTAS INSTALAÇÕES, ALÉM DE CONTAR SOBRE A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES QUE NÃO TIVERAM SEUS DIREITOS PAGOS.
CENA 20 - INTERNA\ DIA	SALA DA PRESIDÊNCIA DO NOROESTE
ESTEVAM PEGORARO	O ATUAL PRESIDENTE DO CLUBE CONTARÁ COMO ERA A SITUAÇÃO DO CLUBE QUANDO ELE ASSUMIU A PRESIDÊNCIA E TAMBÉM CONTARÁ SOBRE QUAIS OS PLANOS DO CLUBE PARA SUAS INSTALAÇÕES E, SE POSSÍVEL, O RESGATE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO, CONTANDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO MESMO.
CENA 21 - INTERNA\ DIA	SALA DO SECRETÁRIO
PODER PÚBLICO - SECRETÁRIO OU PREFEITO	COMO A PREFEITURA VÊ E ATUARÁ NA ESTAÇÃO E NAS DEPENDÊNCIAS DO NOROESTE NOS PRÓXIMOS QUATRO ANOS.
CENA 22 - INTERNA\ DIA	VÁRIOS LOCAIS
<u>VÁRIAS PESSOAS</u>	IMPORTÂNCIA PARA A CIDADE DE SE MANTER ESTES LOCAIS E SUAS HISTÓRIAS, COMENTANDO A SITUAÇÃO ATUAL E SUAS NOVAS NECESSIDADES, PARA O URBANO E PARA A SOCIEDADE BAURUENSE.
CENA 30 - SOBE SOM	CRÉDITOS FINAIS